



Sacralização do Caos

Daniel Duarte

Sacralização do Caos

Daniel Duarte

PUBLICAÇÕES INÊS
Rua da Agra, 20 - sala 33
4150 PORTO

1997

1.000 Exemplares

Impresso por

TIPOGRAFIA PROGRESSO

Prefácio

Intenção e intensão aliam-se no jogo de palavras que constitui este conjunto de poemas de Daniel Duarte. Desagregação e caos são os sentidos (ou a família de sentidos) que visivelmente nos conduzem neste *mundo possível* delineado pelo autor. Porém, num jogo de atracção de contrários, estes sentidos suscitam implicitamente uma tensão agregadora presente no desassombrado convite que nos é endereçado de conjuntamente descermos a este inferno. É, assim, com uma insistente coerência que o autor nos obriga, paradoxalmente, a questionar o sentido dum caótico mundo, sendo que esse sentido do mundo há muito deixou a tridimensionalidade e intrincadamente se complicou com o tempo. Ora o tempo é visto pelo autor como lugar de voracidade e de explosão infinita, patente nas expressões “remoinhos de tempo”, “espaço sem tempo” ou “longe/Sem tempo ou espaço” duma “espiral tremente” de “órbitas em explosão” (poema VII).

O desconforto e a inquietação transformam-se em vertigem que é procura de esquecimento ou de lucidez abismal, que no dizer de Daniel Duarte é “translucidez”. A poesia torna-se então “Desesperante conforto/Do desesperado” com a consciência trágica de que se trata de um útero “construído”, fabricado.

Tece-se assim uma imagem do homem moderno como “gladiador do bosque desgastado” cheio de “sombras/Da vã civilização em ruínas”, numa “doentia atmosfera” de “ruas vomitando bactérias”. E a imagem dum “confuso labirinto de cimento” do mundo citadino é dada através da terrífica metáfora dum “Cancro em crescimento/Nos tendões do movimento” (poema IV), entrevisto como ínfimo desde um universo que é “galáxia da multiplicidade”.

Não sendo, este, um livro de poesia de lirismo sinteticamente trabalhado, ou de artisticidade pura, é um livro de ideias, postas

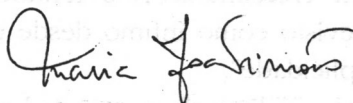
em verso vertiginoso, que foge ao esvaziamento temático de muita poesia egocêntrica, redutoramente erótica ou individualmente sofrida. O limiar do indizível, esse lugar misterioso de poesia, não é aqui objectivo alcançado, mas também não é objectivo perseguido, surgindo desvalorizado o artifício estilístico por si só.

Um dos objectivos será então uma amarga questionação da existência explícita na interrogação universalizante (onde “eu” é equivalente a “nós”) que abre o poema V: “Quem sou eu?”

Estranha, misteriosa, ancestral aliança entre a filosofia e a poesia que em grande parte se processa através da porta subterrânea do mito. E vários mitos ecoam, subjacentes mas pregnantes de sentido, na composição poética de Daniel Duarte: Orfeu, claro, mas também Ícaro, o “homem ave” - não mais na sua subida aos céus, mas numa viagem galáctica que não deixa de conter o sentido do arrojo da entrada no mundo divino e consequente penalização e queda -, Prometeu que se quer desagrilhoado (“Liberta o tigre divino / Que permanece agrilhoado”), o percurso no labirinto, o enigma da procura de sentido e ainda sugestões de mitos indianos. A novidade está, porém, num enquadramento destes mitos dentro dum “alargamento do tempo”, feito de “expansões loucas” “na galáxia da multiplicidade” (poema VIII).

Uma outra linha de força se desenha nestes poemas, linha de modernidade que nasce em Baudelaire: sentir o frémito do abismo que se contempla.

Há neste livro uma força que nos suga irremediavelmente e nos obriga a ver uma paisagem caótica, dominada por um sentido filosoficamente catastrófico, mas isso é uma força inegável desta obra na sua expressão do trágico actual. E é bem moderna esta visão do trágico.



Maria João Simões

Professora Assistente da Cadeira de Literatura Portuguesa
na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

PUBLICAÇÕES INÊS
Rua da Agra, 20 - sala 33
4150 PORTO

1997

1.000 Exemplares

Impresso por
TIPOGRAFIA PROGRESSO